

1

Introdução

Para a formação de um caráter, uma personalidade, vários fatores se fazem presentes. Em Antero de Quental esses fatores adquirem uma conotação específica: visto por muitos como “santo”, visto por outros como um gênio, é a soma de condicionamentos a ele impostos.

De onde viria seu aspecto melancólico e pensativo? Sua alma altruísta e generosa? Sua esperança de mudanças sociais? Seu senso de humanitarismo, sua desesperança, seu pessimismo?

Diante de características aparentemente tão contraditórias, é impossível não se tentar entender o *homem* Antero que, “coloca[ndo-se], [...] no território da Memória[,] à caça do esquecido, do soterrado, [...] torn[ou-se] arqueólogo do tempo, obseda[do] pela idéia de permanência, de exposição e de domínio.”(SANTOS, 1999, p.16)

Sua memória afetiva, funcionando como “uma lâmpada que recusa apagar-se no meio da Noite” (LOURENÇO, 1999, p 15), manterá vivo um Tempo melancólico e pleno de saudade que o levará a “uma descida no coração do tempo para resgatar o tempo”.(Ibidem, p.15)

É a esse *Tempo* de Antero – “jogo de memória e parte constituinte del[e] [que] permite a inversão, a suspensão do tempo irreversível, fonte de uma emoção a nenhuma outra comparável” (Ibidem, p. 12) –, que nos reportaremos, à procura do fundamento necessário para uma tentativa de entendimento do enigma que se criou em torno do poeta Antero de Quental.

Para que a isso se proceda, torna-se imprescindível uma revisão dos fatores fundamentais para sua formação: seu país, sua terra natal, sua família, onde encontramos a figura materna, influência maior acerca da constante presença de Deus sobre o destino do poeta.

Nascido em Portugal e, portanto, herdeiro também dos estigmas de seu povo, Antero vai demonstrar desde cedo a tendência à herança cultural peculiar aos lusitanos:

A cultura portuguesa, tendo como referente mítico o catolicismo e, por sua vez, o catolicismo assimilado à nossa história ideal de cruzados de Cristo durante séculos, integra em si, como uma espécie de imperativo, a defesa dos sagrados valores do cristianismo.[...]

Durante séculos, Portugal foi realmente uma nação-cruzada e não é qualquer coisa que se possa ter sido impunemente. (LOURENÇO, 1999, p. 30)

O “ideário nacional” português mostra-nos um povo com tendência ao misticismo, à melancolia; afinal, *saudade* é uma palavra que só existe em nossa língua e nada melhor do que ela para nos remeter às lembranças de Portugal, um país saudosista, especial aos olhos de Deus e Maria Santíssima e, pretensamente, “povo [de] existência miraculosa, objeto de uma particular predileção divina”. (Ibidem, p.12)

A identidade portuguesa, fixada sob a bandeira do cristianismo, permaneceu independente às margens do oceano, transformando-se na “ilha-saudade” de que nos fala Eduardo Lourenço.

Reportemo-nos, agora, à “ilha-saudade” de Antero: São Miguel, no arquipélago dos Açores, onde nasceu e de cujas lembranças nunca conseguiu desvencilhar-se.

Por refletir sua formação, São Miguel não é para Antero apenas um local perdido no espaço: tudo ali o encantava: as dimensões – é a maior ilha do arquipélago a que pertence – ; a paisagem das planícies; as montanhas; os lagos adormecidos; os fenômenos vulcânicos (em alguns locais, o solo fumeja e queima); um céu pesado e baixo, carregado de nuvens; tempestades e ciclones devastadores que, com frequência, varriam a ilha de ponta a ponta, São Miguel merece de Bulhão Pato o comentário de ser “um país encantador, mas porventura perigoso para as imaginações poderosas e para os organismos de sensibilidade viva, como era o de Antero.” (CARREIRO, 1948, vol.I, p.74/75)

Tinha razão Bulhão Pato, pois em conversas com Carolina Michaelis de Vasconcelos, já no fim da vida, ficou o registro de como Antero via a sua terra: “[...] pintou a paisagem dos Açores, os montes vulcânicos de formação monótona, demasiadas vezes envolvidos num tênue véu de vapor quente, que, tornando baixa a abóbada do céu e pesada a atmosfera, lhe entristecia e emodorrecia a alma, sedenta de sol, já quando criança”. (Ibidem, p.70)

Esse meio físico representado, principalmente, por mar e vento, vai ser tema constante de sua obra e provocará em Eduardo Lourenço a seguinte afirmação: “Antero está inscrito, enquanto Inconsciência, no [...] magma inquieto [de sua terra].”(LOURENÇO, 2000, p. 154)

Juntando-se às características da ilha, que tanta relevância tiveram para o desenvolvimento temático de Antero, o papel de sua família e, principalmente, a figura materna, D. Ana Guilhermina da Maia, citada por todos que a conheceram como possuidora de “sentimentos religiosos muito profundos” e que, segundo Teófilo Braga, “submetia os filhos à forte disciplina católica” (Ibidem, p.87), teremos o Antero pleno, pronto para desenvolver em seus textos a temática que nele se fixou, decorrente desses três fatores: seu país, sua terra e sua mãe.

A importância desses fatos vai se tornar relevante quando, já poeta consagrado, diz Antero na carta a W. Storck: “[...] espírito naturalmente religioso, tinha nascido para crer placidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida.” (RODRIGUES, 1990, p.138) Essa regra se perdera entre as brumas e abstrações da dúvida que, penetrando em “seu espírito naturalmente religioso”, fizeram com que se ocultasse o Deus de sua tradição, o qual, de modo tão arrebatado, aprendera a amar.

O objetivo desse trabalho é tentar elaborar um percurso poético que comprove a indubitável presença de Deus nas três principais e mais gerais vertentes poéticas de Antero de Quental:

Para bom estudo temático e estilístico da poesia anteriana, convirá, pondo de parte a complicada história da sua arrumação em volumes (...), fazer-se a seguinte tripartição: 1) aquilo que designaremos como a sua juvenília (fundamentalmente: *Primaveras Românticas e Raios de Extinta Luz*; 2) as *Odes Modernas* (...); 3) *Os Sonetos*, (...). (SARAIVA e LOPES, 4ª edição, p.861)

Tratando-se de uma trajetória, fica evidente a necessidade de uma divisão temporal, visto tratar-se de uma evolução cronológica.

Para isso, a divisão temática de António Sérgio não poderá servir como fio condutor, pois, embora ele tenha estipulado um espaço específico para o problema de Deus, o mesmo encontra-se presente em outros: o do Desejo de Evasão, o do Pensamento Pessimista e o do Pensamento de Deus, por exemplo, também concentram abordagens desse tema.

Fica, portanto, inviável estudá-lo num único ciclo, já que o mesmo se encontrará em quase todos os outros.

Sobre a divisão cronológica organizada por Oliveira Martins, há uma quantidade considerável de dúvidas acerca dos anos em que alguns poemas foram escritos, tornando-a, assim, não satisfatória, embora a sua disposição dos sonetos comprove o desejo desse autor e, quem sabe, também, o de Antero, (LOPES, 1983, p.55) de transmitir a constante presença de Deus ao longo da obra anterior. Essa questão destaca-se nas próprias palavras de Antero na carta a W. Storck, quando classificou o livro dos *Sonetos*, como a notação das “fases sucessivas da minha vida intelectual e sentimental”:

Estimo este livrinho dos Sonetos por acompanhar, como a notação dum diário íntimo e sem mais preocupações do que a exatidão das notas dum diário, as fases sucessivas da minha vida intelectual e sentimental. Ele forma uma espécie de autobiografia de um pensamento e como que as memórias de uma consciência.
(RODRIGUES, 1990, p.138)

Segundo esse depoimento e levando-se em consideração a provável anuência do poeta para a organização dos *Sonetos*, somos tentados a supor, com algum embasamento, que talvez seja essa a sua verdadeira ordem:

Ora, o fato de “À Virgem Santíssima” e de “Disputa em Família” serem incontestavelmente de 1872 e 1873, e ainda de “Homo” e “Convertido”, conquanto concluídos em 1875, terem tido a sua primeira redação em 1872, demonstra que o critério da organização dos ciclos, se, como é patente, teve em conta alguma preocupação de índole cronológica, atendeu sobretudo à procura de uma esquiva e complexíssima “unidade” temática e problemática.
(SERRÃO, 1992, pp.180/181)

Esta pesquisa, entretanto, não se propõe a estudar uma pretensa trajetória emocional dos *Sonetos* de Antero, pretendida talvez por Oliveira Martins e possivelmente equivocada:

[...], é preciso atentar para a errônea disposição dos sonetos anteriores realizada por Oliveira Martins em 1886, pois, colocando no fim os poemas de pacificação com Deus, dá a impressão de o poeta haver encontrado, no último lance da vida, a paz desejada. Na verdade, alguns desses sonetos foram escritos concomitantemente com outros de sentido oposto. (MOISÉS, 1988, p.184)

Óscar Lopes, no seu livro *Antero de Quental, Vida e Legado de uma Utopia*, segue a divisão de António Salgado Júnior, feita para o prefácio de *Raios de Extinta Luz*, cujas

composições foram organizadas em ordem cronológica por Bruno Carreiro. A divisão proposta divide em quatro *fases* os poemas da *Juvenília*.¹

A primeira fase corresponderia aos anos de 1858/1860 (LOPES, 1983, p.84) e destacar-se-ia pelas influências de dois poetas: Pinto Ribeiro, “[...] hoje completamente esquecido, mas muito apreciado no tempo como expoente do lirismo sentimental” (LOPES, p.84) e Mendes Leal, “cujas composições humanitaristas e políticas [...] o jovem Antero declamava entusiasticamente aos estudantes seus colegas, mas cuja influência no novel colega se faz também sentir na zona da sentimentalidade amorosa ou compassiva”. (LOPES, p.184).

A segunda fase (1860/1861) será influenciada por Lamartine e as suas *Méditations*, apresentando também incidências neoplatonizantes de Camões.

Antero considerava Lamartine o autor de uma “revolução completa” na poesia e retirou dele uma frase que costumava usar nos momentos de maior “tortura mental”: “As *Meditações* serão sempre a admiração do indiferente, o enlevo do crente e um conforto para os que se debatem no ecúleo da dúvida.” (CARREIRO, p.137)

Ainda de Lamartine, vem-nos a síntese do Eterno Feminino, presente nos poemas de *Primaveras Românticas*, cujo verso típico cito: “É mãe, é irmã, é amante! É este seio amigo” (LOPES, p.87). A figura da mulher amada se torna mãe e irmã do poeta, mesmo nas situações de desengano amoroso, tornando-se, para ele, um ideal espiritualizado: “Há um idílio de mística adoração lamartiniana conjunta da amada e das coisas naturais”(LOPES, p.87)

A João de Deus, além do interesse que lhe despertou pelo soneto, (“[e]sta grande forma estava perdida. Achou-a depois um homem – um poeta – [...] João de Deus restituiu-nos o Soneto como ele é, como deve ser – a forma superior do lirismo [...]”) (CARREIRO, p.139), ainda lhe deve Antero a herança do idealismo:

[...] onde ressoa a voz do Camões lírico e o platonismo renascentista, [que se] dirige [...] no sentido da mulher e do Amor: o poeta busca o sentimento amoroso no máximo de sua pureza abstrata, encarnada na mulher que a sua imaginação cria idealmente. Visão espiritualista da bem-amada, não poucas vezes transformada numa verdadeira atitude

¹ As observações sobre as *fases*, faço-as a partir de Óscar Lopes, *Vida e Legado de uma Utopia*. Lisboa: Editorial Caminho, SARL, 1983, p.84.

mística, à custa de diafanizar progressivamente a contemplação amorosa e as palavras que a transmitem. (MOISÉS, p.153)

De Soares de Passos vem a identificação com as “angústias metafísicas e religiosas, [...] forte, autêntica, mesmo quando imaginária, fruto da experiência, uma espécie de diário íntimo de um autêntico mártir do Ultra-Romantismo.” (MOISÉS, p.145)

Quanto a Alexandre Herculano, além do fato de ter despertado em Antero a sua vocação poética, cumpre rever sua temática, de onde Antero retirou, certamente, suas motivações:

[...] reflexões muito explícitas sobre a morte, sobre Deus, sobre a liberdade, sobre o contraste entre a transitoriedade humana e o infinito que a transcende. Estas meditações têm por testemunha uma paisagem muito característica, que infunde no contemplador o sentimento da infinitude e da solidão: o mar, a montanha, a tempestade, o sol poente, a noite; [...]. Todas as poesias de Herculano, como veremos, tendem a objetivar o pensamento ou os sentimentos: a paisagem, como os próprios estados emotivos, é matéria para reflexões que conduzem sempre o poeta para problemas gerais, filosóficos, morais, religiosos ou outros. (SARAIVA e LOPES, p.715)

Portanto, o lirismo de João de Deus, juntando-se ao de Soares de Passos, Herculano e Camões, entra em “consonância com o enlevo religioso dentro do qual Lamartine encara a amada e a paisagem natural” (LOPES, p.85), influenciando Antero temática, formal e liricamente.

A terceira fase, da primeira metade de 1861 até 1862, vai servir como linha divisória entre o Antero crente e o questionador:

[...] estamos, tematicamente, perante a figura de um poeta angustiado entre o Deus bíblico-evangélico e uma insatisfeita descrença, roçando por vezes o niilismo e a blasfêmia, entre a exultação e a desesperação místico-amorosa, [...] (LOPES, p.85)

A quarta fase (1862/1864) vai equivaler ao ciclo que António Sérgio denominou da Expressão Lírica do Amor-Paixão, semelhante à “abnegação, desengano e espiritualização amante” (LOPES, p.87) do lirismo camoniano:

Falar d ‘amor?!... se ele é como uma essência
Que nos perfuma, sem se ver de donde...

Se ele é como o sorriso da inocência,
Que inda se ignora e, pra sorrir, se esconde...(QUENTAL, 1976, p.68)

Nesses poemas juvenis, tão severamente julgados por Antero, desenvolve-se nas figuras femininas (mãe, irmã, filha, amiga) a carga erótica característica dos poemas dessa época.

Sobre “Peppa”, diz-nos Cleonice Berardinelli:

Abre-se *Peppa* com o soneto que tem, nos “Sonetos Completos”, o título de “Pequenina”; [...]. Na terceira parte enumera os seus desejos; num deles (“Fora eu o mar, aonde mãos e braços / E o corpo, nu, mergulhas vergonhosa.../ Pudera eu ser então a onda amorosa.../ Vestia-te d’abraços!”) (PR, p.30) começa a despontar, discreta, a sensualidade do amante. (BERARDINELLI, p.182)

Seus amores, por essa época, calados e pouquíssimas vezes comentados, não seriam marcantes para sua obra, se não tivessem servido para demonstrar “a maturação psíquico-poética que esses tão silenciados amores trouxeram (...)” (LOPES, p. 86), e que vai transparecer na força futura de seus Sonetos.

Torna-se claro o caminho a seguir: a primeira e a segunda fases contêm o que sentimos ser a reafirmação da fé católica. Nessas duas, portanto, o Deus de seus pais tem papel relevante em sua obra. A terceira fase, de 1861 a 1862, apresenta um questionamento sobre esse mesmo Deus, proveniente da mudança do poeta para Coimbra.

O sentimento de fé, que o torna um crente incondicional, aparece ratificado na célebre *Carta Autobiográfica* enviada a Wilhelm Storck, em 1887, quando se define como “espírito naturalmente religioso [que] tinha nascido para crer placidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida”. (RODRIGUES, 1990, p.138):

O facto importante da minha vida, durante aqueles anos, e provavelmente o mais decisivo dela, foi a espécie de revolução intelectual e moral que em mim se deu, ao sair, pobre criança arrancada do viver quase patriarcal de uma província remota e imersa no seu plácido sono histórico, para o meio da irrespeitosa agitação intelectual de um centro, onde mais ou menos vinham repercutir-se as encontradas correntes do espírito moderno. Varrida num instante toda a minha educação católica e tradicional, caí num estado de dúvida e incerteza, tanto mais pungente quanto, espírito naturalmente religioso, tinha nascido para crer placidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida. Achei-me sem direção, estado terrível de espírito, partilhado mais ou menos por quase todos os da minha geração, a primeira em Portugal que saiu decididamente e conscientemente da velha estrada da tradição. (RODRIGUES, p.138)

Numa tentativa de que não se esperem profundíssimas especulações sobre as prováveis influências filosóficas sofridas por Antero, quero alertar os que se propõem a conosco enveredar pela leitura dos *Sonetos* para o fato de que nosso objetivo único é tentar demonstrar que, independentemente de sua vontade, Deus esteve sempre ao seu lado.

Sendo [...] “*um poeta que sente mas [também] um raciocínio que pensa*” (MARTINS, s.d. p.15) e Deus o alvo de seu sentimento, torna-se simples entender o enorme conflito que viveu: no momento em que se dispôs a *pensar* Deus, viu todas as suas bases esfacelarem-se: nEle se crê ou não se crê. Racionalizá-lo, isto é, tentar sair do *sentir* para o *pensar*, sintetizou no poeta toda a angústia, a melancolia e o pessimismo herdados do povo português; despertou nele todas as dúvidas e inquietações de sua origem insulana e, acima de tudo, colocou-o em posição contrária às idéias que lhe foram incutidas pela mãe, “Ana Guilhermina da Maia, muito católica, [de quem] recebe uma educação religiosa que contribuirá para as suas preocupações ‘místicas’, mesmo posteriormente ao abandono do catolicismo”.(LOPES, p.121)

Inicia-se aí o conflito existencial de Antero que, se por um lado transformou sua existência numa busca desesperada de respostas, por outro, anexou aos arquivos da Literatura Portuguesa alguns dos mais belos versos já escritos sobre a eterna dúvida: que é, ou quem é Deus?

Os seus versos são *sentidos*, são *vividos* como nenhuns; mas o sentir e o viver deste homem são de uma natureza especial que tem por fronteiras físicas as paredes do seu crânio, mas que não tem fronteiras no mundo real, porque a sua imaginação paira librada nas asas de uma razão especulativa para a qual não há limites. (MARTINS, p. 16)